

A HOMILIA: ESPÍRITO E FINALIDADE PASTORAL: palestra para sacerdotes

Pe. Francisco Faus

I. FINALIDADE DA HOMILIA

A finalidade de qualquer ação ou tarefa determina a sua preparação e os meios que se devem empregar. A “causa final” é sempre *prima in intentione*.

Duas Exortações Apostólicas de Bento XVI, *Sacramentum Caritatis* (SC) e *Verbum Domini* (VD), proporcionam-nos idéias muito claras sobre a finalidade da homilia:

1) A sua «função [portanto, o seu fim] é favorecer uma compreensão e eficácia mais ampla da Palavra de Deus na vida dos fiéis»¹ (SC n. 46 e VD n. 59).

2) «A homilia constitui uma atualização da mensagem da Sagrada Escritura, de tal modo que os fiéis sejam levados a descobrir a presença e eficácia da Palavra de Deus no momento atual da sua vida» (VD n. 59).

3) «tenha-se presente a finalidade catequética e exortativa da homilia» (SC n. 46). A respeito do caráter exortativo, a VD menciona a conveniência de, mesmo nas breves homilias diárias, «oferecer reflexões apropriadas [...], para ajudar os fiéis a acolherem e tornarem fecunda a Palavra escutada» (n. 59).

4) Um ponto importante sobre o foco central da homilia: «Deve resultar claramente aos fiéis que aquilo que o pregador tem a peito é mostrar Cristo, que deve estar no centro de cada homilia» (VD n. 59).

No n. 11 da VD, ao falar da “Cristologia da Palavra”, o Papa, cita a Encíclica *Deus caritas est* e frisa que : «no início do ser cristão, não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte e, desta forma, o rumo decisivo».

Consequência dessa centralidade de Cristo é que se deve evitar «atrair a atenção mais para o pregador do que para o coração da mensagem evangélica» (VD n. 59). *Não nos pregamos a nós mesmos –dizia São Paulo –, mas a Jesus Cristo, o Senhor* (2 Cor 4,5).

Veremos mais detidamente vários desses pontos em outras partes da palestra.

II. PREPARAÇÃO DA HOMILIA

EM GERAL

¹ Neste guia de palestra, uma boa parte dos sublinhados é minha: foram feitos para pôr mais em destaque algumas palavras ou idéias.

Vista a finalidade, a preparação deve levar em conta o que Santo Agostinho ensinava, na esteira de Cícero. O pregador deve transmitir o alimento da Palavra de tal modo que instrua, agrade e convença: «ut doceat, ut delectet, ut flectat» (*De doctrina christiana*, L 4, C 12, n. 27). As três coisas são necessárias para alcançar a finalidade da pregação, que é fazer chegar a Palavra de Deus à vida dos fiéis. A pregação, portanto, deve chegar:

a) à inteligência (doceat): *O meu povo definha por falta de conhecimento*, diz Deus por Oséias (Os 4,6). Palavras que se aplicam plenamente às circunstâncias atuais. Há um enorme déficit de doutrina. Pregador sem a preocupação constante de dar doutrina seria apoiar bom material de construção em cima da areia (cf. Mt 7,26-27). É preciso refletir muito a sério sobre o melhor modo de transmitir doutrina “kerigmaticamente” (como faziam os Padres), e também sistematicamente, solidamente.

Não são infrequentes homilias que divagam, dão interpretações superficiais (no mínimo) aos textos litúrgicos, e –quando muito – tocam o sentimento. Ora, o sentimento sem doutrina é vento que passa, por mais que seja inflamado.

b) e ao coração (delectet). O coração, em sentido bíblico, «é o nosso centro escondido [...]». É o lugar da decisão, no mais profundo das nossas tendências psíquicas. É o lugar da verdade [...]. É o lugar do encontro» (*Catecismo da Igreja Católica*, n. 2536). É o lugar onde a Palavra deve vibrar, alegrar, deliciar, “tocar” ...

d) e à vontade (flectat – ou moveat) : que “dobre” (*flectat*) a vontade acomodada, adormecida ou apegada ao mal; que incentive a alma a agir de acordo com a Palavra; que leve a concretizar decisões e propósitos.

⇒ Uma doutrina que não atinge o coração e a vontade é só teoria árida ou divagação “interessante”.

⇒ Coração sem doutrina – já o dizíamos – é sentimentalismo passageiro, e há o perigo de que seja (um perigo muito real, hoje) uma forma pós-moderna da “beatice”, da “carolice” antiga: oração sentida, emoções “místicas”, procura abusiva de manifestações milagrosas ou extraordinárias, muitas práticas espirituais ruidosas..., mas sem que haja aquisição de virtudes nem purificação de defeitos nem entrega mais generosa ao próximo. Lembremos: *Se me amais, cumprireis os meus mandamentos [...] Aquele que não me ama, não guarda as minhas palavras (Jo 14, 15 e 24). Se guardardes os meus mandamentos, permanecereis no meu amor (Jo 15,10).*

Santo Agostinho cita Cícero (*De inventione*, L. 1,1): «A sabedoria sem eloquência (sem o *delectet*) é pouco útil; a eloquência sem sabedoria (*delectet* sem *doceat*) é frequentemente bastante nociva e nunca útil» (em *De doctrina Christiana*, L 2, C 5)

O TRABALHO DE PREPARAÇÃO

I. Três considerações prévias:

1ª) Mentalidade profissional: no mínimo, devemos ter a mentalidade de um bom professor, que prepara as aulas primorosamente. A falta de “profissionalismo” (coisa que não seria aceita numa Faculdade séria ou numa empresa) é sinal de preguiça, imaturidade ou autoconfiança vaidosa do padre, além de ser um desrespeito do povo.

2ª) Espírito sobrenatural: S. Agostinho diz, que o pregador «deve ser orante antes de ser orador» – «sit orator antequam dicator», e acrescenta: «no próprio momento em que vai falar ao povo [...], deve rezar a Deus para que ponha em sua boca boas palavras» (*De doctrina...*, L 2, C 16 e L 2, C 31).

3ª) Sem esforço nem oração, pregar a Palavra de Deus é tentar o Espírito Santo.

II. A preparação remota

2.1 Em primeiro lugar, «é preciso que os pregadores tenham familiaridade e contato assíduo com o texto sagrado» (VD n. 59).

É fundamental. Sem esforçar-se por adquirir o saber sapiencial – amoroso e orante – da Sagrada Escritura (*lectio divina*), o pregador não é capaz de transmitir a Palavra de Deus com a luz e o calor do Espírito Santo. Pode transmitir idéias e teorias boas, pode dar uma espécie de aula de exegese mais ou menos correta, pode repetir textos ou pensamentos alheios como o faria um gravador, mas não dará uma homilia.

2.2 A *lectio divina* não é um luxo. É uma necessidade. Vale a pena meditar e aplicar o “roteiro” sintético da *lectio divina* que dá a VD no n. 87:

a) *lectio*: o que diz o texto bíblico em si?

b) *meditatio*: que nos diz o texto bíblico? No n. 59 da VD, o Papa, ao falar da homilia sobre as leituras proclamadas, diz: « O que dizem a mim pessoalmente? O que devo dizer à comunidade...? O pregador deve deixar-se interpelar primeiro pela Palavra de Deus que anuncia».

c) *oratio*: que dizemos ao Senhor em resposta à sua Palavra?

d) *contemplatio*: assumir o olhar de Deus ao contemplar a realidade, e descobrir qual é a conversão que o Senhor nos pede?

e) *actio*: chegar à ação, doar-se aos outros na caridade.

2.3 Só assim estaremos em condições de ser bons instrumentos do Espírito Santo. Uma exegese bíblica sem fé e amor, sem a doutrina da fé e sem o calor da oração, seria uma “dissecação de cadáver”, uma triste manipulação da Palavra. Manipulação que pode ser:

- a serviço de uma ideologia (filosófica, política, “teológica”, etc.)
- a serviço de uma exibição (vaidade de ser original ou chocante)
- a serviço do comodismo (divagar, repetir sempre o mesmo disco)

– a serviço de nada: “não diz coisa com coisa”, comenta o povo.

2.4 De modo mais geral, é necessário que assumamos a responsabilidade de sermos homens de estudo contínuo, como o são, em quaisquer áreas, os bons profissionais.

Estudo bem definido, sistemático, que leve mesmo a aprofundar, esclarecer e ordenar as idéias. Saber escolher – pedindo conselho a quem o possa dar – os livros bons e realmente úteis, evitando “folhear” ou ficar apenas “bicando” por curiosidade leituras diversas, “novidades” e textos picados da Internet. Talvez o pior inimigo da cultura em geral, também da cultura teológica, seja hoje essa facilidade de deslizamento cultural pela superfície de cem assuntos diversos, que não têm uma coerência, um eixo, uma unidade harmônica. Isso seria cair num espírito frívolo e imaturo de “curiosidade”, que não vai a fundo em nada.

Penso que uma resolução ótima para nós, padres, seria a de ler devagar, cada ano, uma parte do *Catecismo da Igreja Católica*; e também a de consultar esse *Catecismo*, recorrendo ao excelente índice temático do final do volume, na edição típica, para ver o que diz sobre o “tema” escolhido por nós para a pregação. Por exemplo, só na parte relativa aos «mistérios da vida de Cristo» (nn. 512 e ss.) há ideias excelentes para homilias das principais solenidades “cristológicas” do ano litúrgico. E quanta luz para a pregação não se pode tirar da Segunda parte (Sacramentos), da Terceira (Moral, Vida em Cristo), e da quarta (Oração).

Da mesma forma, muito nos podem e devem ajudar – como matéria de estudo e pregação – os documentos da Igreja, lidos do início até o fim.

2.5 Por outro lado, lembremos que, na pregação, procuramos o bem, o proveito e o crescimento cristão do povo. Nada mais contrário a isso do que fazer do povo a “cobaia” dos nossos experimentos teológicos, das nossas teorias, das nossas idéias pessoais (muitas vezes mal digeridas e pior formuladas). Isso não é ser bom pastor, mas é um caminho fácil para chegar a ser – por duras que pareçam estas palavras de Cristo – o *ladroão e salteador* da parábola do Bom Pastor (Jo 10,1), pois espolia o povo do «esplendor, a segurança e o calor do sol da fé» (*Caminho*, n. 575).

2.6 Finalmente, recordemos o antigo ditado: «Frei exemplo é o melhor pregador». No n. 60 da VD, Bento XVI inclui a seguinte citação de São Jerônimo: «Que as tuas ações não desmintam as tuas palavras, para que não aconteça que, quando tu pregares na igreja, alguém comente no seu íntimo: “Então porque é que tu não ages assim?” [...] No sacerdote de Cristo, devem estar de acordo a mente e a palavra» (*Epistula* 52,7).

III. A importância da vibração interior

3.1 Tanto para a preparação remota, como para a preparação próxima, de que falaremos a seguir, é fundamental o entusiasmo interior do sacerdote em relação aos temas de que vai falar, e em relação ao bem que deseja fazer, com o auxílio do Espírito Santo, ao povo

3.2 O famoso livrinho de Santo Agostinho *De Catechizandis rudibus* (“A catequese dos principiantes”) é uma resposta dada pelo santo ao diácono Deogratias, que lhe havia escrito manifestando o seu desânimo e pedindo conselho, porque seus ouvintes cochilavam e se distraíam enquanto ele falava.

De uma maneira afetuosa (e com um estilo latino que o humanista Erasmo admirava), Agostinho anima Deogratias. Depois de lhe confessar que ele também sente dificuldades, fala-lhe da prioridade da oração, que deve preceder, acompanhar e seguir a pregação. E dá especial ênfase à necessidade da vibração interior do pregador – à *hilaritas*, como ele diz –, que o leva a falar com alegria, satisfação e convicção vibrante. Quando isso existe, cria-se facilmente a sintonia com os ouvintes: «Com muito mais prazer somos ouvidos – diz no Cap. II, n. 4 – quando nós mesmos experimentamos prazer no trabalho de instrução: pois a nossa alegria faz com que a exposição se desenvolva com mais facilidade e seja cativante».

3.3 Mais um fruto do entusiasmo: um padre empolgado com o ministério da Palavra mantém-se desperto para pegar “no ar” qualquer idéia, frase, episódio, exemplo interessantes, que veja úteis para a pregação. Mesmo sem o procurar, as leituras bíblicas, teológicas ou de espiritualidade – feitas para alimentar a sua vida interior – e também as leituras de boas obras literárias, fazem pipocar idéias que lhe servirão depois para a pregação. Melhor ainda se costuma a tomar notas desses textos ou pensamentos e vai fazendo o seu fichário de pregação.

IV. A preparação próxima

4.1 Antes de preparar uma homilia ou qualquer outra pregação, precisamos definir bem o que queremos transmitir ao povo. Isso exige fazer duas escolhas:

a) Escolher o tipo de homilia: pode ser uma homilia baseada nos textos litúrgicos do dia, ou uma homilia circunstancial (para uma festa, um evento de particular relevo, etc.), ou uma homilia temática, ou uma homilia litúrgico-temática nos termos em que fala a Exortação Apostólica *Sacramentum caritatis*: «Considera-se que é oportuno oferecer prudentemente, a partir do Lecionário trienal, homilias temáticas aos fiéis que tratem, ao longo do ano litúrgico, os grandes temas da fé cristã, haurindo de quanto está

autorizadamente proposto pelo Magistério nos quatro “pilares” do *Catecismo da Igreja Católica* e no recente *Compêndio*: a profissão de fé, a celebração do mistério cristão, a vida em Cristo, a oração cristã».

b) Escolher o tema da homilia. A boa homilia deveria ser breve (à volta de uns dez minutos). Esse limite de tempo não permite normalmente comentar todas as leituras ou outros textos litúrgicos do dia (Intróito, Salmo, etc.). Por isso, é preciso escolher qual o texto a ser comentado: às vezes, podem bastar um ou dois versículos do Evangelho, ou da 1ª e 2ª leitura (lembrando que, aos domingos, a 1ª leitura costuma estar em sintonia com o tema do Evangelho).

c) Ajuda muito ter mentalmente à vista – com a imaginação – o povo concreto a quem vamos falar, procurar colocar-nos no lugar dos fiéis, como se os tivéssemos na frente (as suas dificuldades, necessidades espirituais, cultura religiosa, capacidade de entender...), para assim definir melhor o tipo de homilia e o tema que mais lhes convém.

d) Há sacerdotes que, logo após o domingo, já procuram ver as leituras do domingo (ou festa) seguinte e começam a “trabalhar mentalmente” a próxima homilia. É lógico agir assim se temos a resolução de encarar a pregação com “mentalidade profissional”.

4.2 Uma vez definido o tema, é necessário “enriquecê-lo” e “ordená-lo”:

a) Enriquecer, isto é, procurar ler e meditar algumas “fontes” (Bíblia comentada, livros, material bom da Internet) que nos forneçam idéias, exemplos, citações breves e incisivas para a pregação, etc. de modo a evitar a preguiça ou o excesso de autoconfiança, que levam a improvisar confusamente e ao vazio na exposição.

Pode ser muito útil usar uma folha de papel como “rascunho” e lá ir anotando abreviadamente idéias ou citações tiradas dessas fontes. Seria pouco sensato querer aproveitar muitas delas. Para uma homilia – breve – precisamos selecionar um número mínimo, que ajude mesmo a “iluminar” o “tema”, sem sair dele.

b) Ordenar. É preciso “ordenar” as idéias que desenvolvem a homilia: uma sequência lógica, sem divagações “laterais” que distraiam do “tema” central, idéias que possam ser acompanhadas de maneira fácil, simples e inteligente. A pregação não pode ser um amontoado de assuntos e idéias desconexas, soltados aos borbotões sem um fio condutor que una tudo. Depois de uma boa homilia, qualquer fiel normal deveria poder responder logo a estas duas perguntas: “De que falou hoje o padre?” (se respondem “do Evangelho”, mas não especificam, algo falhou); e “Que conclusões pessoais você viu que

seria bom tirar?” (mesmo que ainda não tenha tirado nenhuma, deveria tê-las enxergado).

4.3 No nosso ambiente brasileiro, a comunicação direta e cálida com o povo parece desaconselhar a homilia “lida” (exceto em grandes solenidades oficiais, etc.), mas não seria nada mau que, na hora da pregação, usássemos uma ficha esquemática, bem ordenada, com umas poucas linhas que marquem claramente a ordem de idéias da homilia e tragam alguma breve citação.

Como é lógico, não podemos colocar barreiras à ação do Espírito, que *sopra onde quer* (Jo 3,8) e que pode nos conduzir para fora do esquema previamente preparado. Mas é bom não esquecer a oração de São Bernardo: «Vem, ó Espírito Santo, e fala sempre ao meu coração ou, pelo menos, se desejas calar-te, que o teu silêncio me fale, porque sem ti estou sempre em perigo de seguir os meus erros e confundi-los com os teus ensinamentos».

4.4 Finalmente, vale a pena lembrar a importância que, desde os tempos clássicos, os oradores profanos e depois os sacros deram ao exórdio, ao modo de começar o discurso. Não há regras fixas e o exórdio pode ser variadíssimo (uma citação bíblica, um exemplo, uma pergunta...). O importante é que desperte logo a atenção do ouvinte, e que ele se sinta “tocado” (“isto é para mim!”).

A título de simples exemplo, sem pretensão de oratória (que cai fora do nosso tema), tem sido útil muitas vezes começar a pregação com um “gancho” como, por exemplo:

– “Não sei se vocês observaram uma coisa que chama a atenção no Evangelho de hoje...”

– “Acho que todos vocês perceberam que, no Evangelho que acabamos de ler, há uma aparente contradição...” (logo esclarece

– “Todos nós temos alguns dias em que, à noite ou quando estamos sós, sentimos um estranho vazio, uma solidão dura de suportar. Por quê? Vamos reler atentamente algumas das palavras de São Paulo que acabamos de ouvir, porque nos podem oferecer a resposta...”

– “O Evangelho de hoje nos dá uma oportunidade magnífica para entendermos em que consiste a verdadeira humildade...” (assim logo anuncia o “tema” e o povo sabe de que vai falar).

– “Quem não desanimou, uma ou muitas vezes, ao perceber que, mesmo quando quer perdoar, não consegue esquecer nem apagar o rancor? Por que? Será que entendemos direito como é o perdão de que Cristo nos fala? “.

[Se tivermos oportunidade de ler (ou ouvir gravações) dos programas televisivos ou radiofônicos do famoso bispo americano Fulton Sheen, poderemos comprovar como é bom começar com um exórdio que tenha “gancho”].

4.4 Também é útil pensar na idéia ou frase com que vamos terminar. Um bom “fecho” ajuda muito a deixar boa impressão de uma homilia e de qualquer pregação. Não nos aconteça como a alguns, que repetem cinco vezes “e por último”, “e para finalizar”, “uma última idéia” (sendo já a sexta “última idéia”!)... Como dizia um excelente pregador de retiros, algumas meditações parecem aviões que não conseguem pousar por causa do mau tempo: anunciam que vão chegar ao fim da viagem, iniciam o procedimento de “pouso”, parece que vão aterrissar, mas depois arremetem e voltam a voar, ficam dando voltas um bom tempo, de novo parece que descem para pousar, mas outra vez arremetem, e não há jeito de que cheguem à pista.

4.5 Enfim, muita coisa ficou por ver, apesar de esta palestra ser já excessivamente longa. Ponhamos um fecho a todas essas considerações recordando que “trabalhar” a homilia com empenho, com capricho, é algo que Deus e o povo nos pedem, sem esquecermos, ao mesmo tempo, que *nem o que planta é alguma coisa nem o que rega, mas só Deus que faz crescer* (1 Cor 3,7).